

LITERATURA E HISTÓRIA SOCIAL: A "GERAÇÃO BOÊMIA" NO RIO DE JANEIRO DO FIM DO IMPÉRIO

LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA*

O início da década de oitenta do século XIX marca um importante momento para a literatura brasileira. Enquanto Machado de Assis atingia em 1881 sua consagração definitiva, com a publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹, uma nova geração de poetas e romancistas tomava de assalto a Corte, lutando para conseguir seu espaço no fechado mundo das letras. Procedentes na maior parte das vezes dos bancos das faculdades de direito de São Paulo ou do Recife ou da Escola de Medicina do Rio de Janeiro², jovens escritores como Olavo Bilac, Coelho Netto, Raul Pompéia, Valentim Magalhães e Aluísio Azevedo - que tinham em média, no início da década de oitenta,

* Doutorando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Cf. Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, São Paulo, Ed. Ática, 1990 [1881].

² Era o caso, entre outros, de Raul Pompéia, Valentim Magalhães, Raimundo Correia e Luís Murat, formados na Faculdade de Direito de São Paulo; de Olavo Bilac, que, depois de abandonar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, acaba ingressando em 1887 na Faculdade de Direito de São Paulo; e de Coelho Netto, que, além destas, passa ainda pela Faculdades de Direito de Recife - sem ter completado nenhum dos cursos. Cf. Paulo Dantas, *Coelho Netto*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d.; A.L. Machado Neto, *Estrutura Social da República das Letras*, São Paulo, Grijalbo/EDUSP, 1973; Eloy Pontes, *A Vida Inquieta de Raul Pompéia*, Rio de Janeiro, José Olimpo, 1935; e Raimundo Magalhães Júnior, *Olavo Bilac e Sua Época*, Rio de Janeiro, Ed. Americana, 1974.

cerca de vinte anos - apareciam ainda no período como meras promessas em busca do reconhecimento e da fama³. Ao longo da década, entretanto, eles mostrariam seu valor, agitando e transformando as rodas literárias com suas idéias novas, afinadas com as últimas tendências da literatura européia⁴.

Ainda desconhecidos no início dos anos oitenta do século XIX, estes escritores formariam um grupo literário posteriormente conhecido como a "geração boêmia"⁵. A alcunha não é casual: ao contrário de seus antecessores, esta nova geração de poetas e romancistas buscava, neste período, transformar o caráter do trabalho literário no país - tentando fazer da literatura uma verdadeira "profissão" que lhes permitisse viver de seu próprio talento, sem precisar recorrer a outro tipo de ocupação. Eles redefinem, neste caminho, o próprio estatuto social da literatura de seu tempo: "ora, uma cousa que todos fazem, e de graça, não pode ser fonte de renda, não chega a ser um 'trabalho'", explicava Valentim Magalhães, um dos autores mais destacados do período, ao definir as especificidades do trabalho de poetas e

³ É o que acontecia, por exemplo, com Olavo Bilac - que publica seu primeiro verso na *Gazeta de Notícias* em 1884, quando tinha apenas dezenove anos; com Coelho Netto, que vira redator da *Gazeta da Tarde* em 1885 com vinte e um anos; e com Aluísio Azevedo, que escreve *O Mulato* em 1881 com apenas vinte e quatro anos. Cf. Paulo Dantas, *op.cit.*, p. 57; Raimundo Magalhães Júnior, *op.cit.*, p. 39; e Raimundo de Menezes, *Aluísio Azevedo: uma vida de romance*, São Paulo, Liv. Martins Editora, s.d., p. 330.

⁴ Como uma espécie de anúncio das novidades trazidas ao debate por estes literatos, acontece em 1878 a conhecida "guerra do parnaso" - travada por escritores como Artur Azevedo, Valentim Magalhães e Alberto de Oliveira pelas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, onde debatiam-se contra seus antecessores "pelo realismo, pela ciência, pela poesia social", *apud*, "A Vida de Valentim Magalhães", in Valentim Magalhães, *Flor de Sangue*, Rio de Janeiro, Ed. Três, 1974.

⁵ Cf. Jeffrey D. Needell, *Belle Époque Tropical*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993, pp. 220 - 224; A.L. Machado Neto, *op.cit.*, pp. 91 - 98; e Brito Broca, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1991, pp. 114 - 121.

romancistas como ele⁶. Lutando contra tal desconsideração da atividade literária, estes escritores esforçavam-se assim para consolidar o papel das belas letras na sociedade, buscando neste caminho garantir o seu lugar no firmamento da literatura nacional.

A tarefa não era fácil. Como indicava Valentim Magalhães, a literatura não era vista, até então, como uma atividade profissional, e sim como um simples passatempo, uma "cachaça" para desocupados. Como resposta a esta situação, restava a estes escritores intensificar sua produção literária, através de uma insistente colaboração nos periódicos do período - na tentativa de transformar seu trabalho "em meio de vida tão sério, honrado e fecundo como os que mais o sejam, em uma real e nobre profissão"⁷. Com poucas possibilidades de publicação em livro, os contos e crônicas literárias, frutos do trabalho árduo destes escritores na tentativa de viverem das letras, multiplicam-se nos últimos anos do Império.

Revelando diferentes aspectos da vida da cidade, estes textos nos permitem entrever, em suas linhas, a própria vida da sociedade carioca do período. Ficção e realidade se misturavam na construção de uma certa imagem da Corte, que representava para estes escritores a própria síntese da nação⁸. "A literatura é a alma escrita dos povos"⁹,

⁶ Valentim Magalhães, *Notas à Margem*, 15 de dezembro de 1887, p. 7. O autor, que já tinha na época 28 anos, destacava-se entre os literatos de seu tempo por sua intensa produção cronística, veiculada ao longo da década de 80 por diferentes jornais. Cf. Raimundo de Menezes, *Dicionário Literário Brasileiro*, São Paulo, Saraiva, 1969, pp. 755 - 756; e Brito Broca, "Um Animador: Valentim Magalhães", in *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*, *op.cit.*, pp. 81 - 83.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 9.

⁸ Segundo Margarida de Souza Neves, "o Rio de Janeiro aparece na letra dos cronistas como símbolo e microcosmo do Brasil, neste sentido também a sua capital". Cf. Margarida de Souza

pontificava algum tempo depois o mesmo Valentim Magalhães, atribuindo ao produto de seu ofício o caráter de verdadeiro espelho da sociedade. Os artigos literários nos jornais e revistas da Corte compõem, desta forma, um tipo de registro que nos serve de chave para penetrar no obscuro mundo do final do século XIX - configurando-se assim como excelentes fontes para a história social. Para a construção de uma interpretação "densa" sobre os seus conteúdos, entretanto, é importante atentarmos para a posição social específica que estes escritores ocupavam na sociedade - que marca o lugar de onde eles lançam seus discursos¹⁰.

Não por acaso, é justamente a partir desta posição que os contos e crônicas da última década do Império diferenciam-se, em seus conteúdos, de outros textos escritos ao longo da história literária do país. Distanciando-se da tradição romântica da qual eram herdeiros, marcada pela afirmação de um sentimento de nacionalidade que distinguisse o país da antiga metrópole e lhe conferisse uma identidade própria¹¹, estes novos literatos se inserem na busca de um outro padrão

Neves, "Uma Escrita do Tempo: Memória, Ordem e Progresso nas Crônicas Cariocas", *In A Crônica*, Campinas, Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 84.

⁹ Valentim Magalhães, *Escritores e Escritos*, Rio de Janeiro, Tip e Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1889, p. 88.

¹⁰ Analisando as crônicas produzidas no Rio de Janeiro da virada do século, Margarida de Souza Neves afirma que "é possível uma leitura que as considere 'documentos' na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um 'tempo social' vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações" - sendo que, desta forma, eles devem ser considerados "como 'construções', não como 'dados'". Cf. Margarida de Souza Neves, *op.cit.*, p. 76.

¹¹ Cf. Antônio Cândido, *Formação da Literatura Brasileira*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1975, Vol 2. O autor mostra neste trabalho como as gerações românticas tinham em

de nacionalidade. Não bastava mais a eles definir o perfil singular da nação, marcando traços de um caráter específico que a diferenciasses de outros países: era preciso então perguntar-se que nação seria esta.

Nesta busca de uma identidade nacional profunda estes autores voltaram-se para dentro da sociedade brasileira. Mais do que estudar e entender a sua lógica, pretendiam, com isso, transformá-la. Descendentes muitas vezes das mais aristocráticas parcelas da sociedade¹², estes autores se diferenciavam neste momento de um certo universo simbólico das camadas dominantes, assumindo um jeito próprio de ver o mundo e interpretá-lo. Os círculos literários, embora compartilhassem muitas vezes das diferentes representações e aspirações destas camadas letradas do Império, assumiam assim uma identidade particular, marcada pela vivência de uma série de experiências comuns - identidade expressa com clareza em um texto memorialístico escrito por Pardal Mallet, um destes escritores:

"Nós fomos um grupo principalmente solidário pela amizade, divididos embora por essa eterna questão da arte, que cada qual interpretava ao seu feitio, atirados uns contra os outros

seu espírito "a noção de que 'fundavam' a literatura brasileira", que deveria assim se converter em "expressão nacional autêntica", p. 14.

¹² Machado Neto afirma que "houve intelectuais não só procedentes das mais diversas condições sociais como também vivendo os anos produtivos de sua vida intelectual nos mais variados degraus da hierarquia social". Cf. A. L. Machado Neto, *op.cit.*, p. 98. A posição social privilegiada de muitos destes escritores era, no entanto, um fardo do qual eles tentavam livrar-se, na tentativa de cortar os laços de solidariedade orgânica com uma camada dominante a qual eles tentavam transformar. Valentim Magalhães, por exemplo, é acusado em 1885 por Arthur Azevedo, durante uma polêmica, de ser "um ilustre moço criado com todo mimo", se detendo longamente o teatrólogo e contista na caracterização da infância e juventude abastada de Magalhães. Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

por essa fatalidade da vida que faz rivais nunca faltamos ao apelo do interesse coletivo, nunca deixamos de ser - um por todos, todos por um, fomos - o Bilac, o Pompéia, o Neto, o Guimarães, o Alcindo e eu, quase todos da mesma idade, nascidos entre os anos de 63 a 65, reunidos pela convivência acadêmica, bastantes certos de nós mesmos para aceitar a camaradagem dos veteranos - Luis Murat, Paula Ney, Aluizio Azevedo, Emílio Rouéde e Arthur Azevedo, bastante fortes para fazer de todo este pessoal uma só família"¹³.

A imagem da "família" talvez seja a que melhor caracterize a relação que estes homens de letras tinham entre si - não a de uma família idealizada, onde todos se entendem, mas uma família de carne e osso, com brigas, discussões e desentendimentos constantes. Não deixa de ser interessante lembrar que o próprio Mallet, tão carinhoso na recordação de seus colegas de letras, foi o principal introdutor de um modismo através do qual os literatos resolveram por um bom tempo as suas pendências: o duelo de espadas, no qual se bateu o autor com o próprio Olavo Bilac¹⁴. Estas muitas diferenças e desencontros - sempre em nome do "interesse coletivo", segundo Mallet - não apagam no entanto a afirmação, presente no trecho, da identidade entre os literatos.

Esta era uma identificação que, no Rio de Janeiro, era reafirmada em diferentes momentos pelos mais diversos poetas e romancistas. A proliferação de jornais literários como a *Gazetinha*, a *Gazeta Literária*, a *Vida Moderna* e *A Semana*, todos com suas redações repletas de homens de letras¹⁵, era apenas um dos fatores de união deste grupo de

¹³ Apud, Eloy Pontes, *op.cit.*, p. 251.

¹⁴ Além deste, pode-se citar ainda o confronto entre Bilac e Raul Pompéia, assim como o duelo entre Coelho Neto e um jornalista português. Cf. Brito Broca, *Teatro das Letras*, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1993, pp. 131 - 134; e Raimundo Magalhães Júnior, *op.cit.*, p. 118.

¹⁵ Sobre o surgimento destes jornais literários, ver Plinio Doile, *História de Revistas e Jornais Literários*, Rio de Janeiro, MEC/ Fund. Casa de Rui Barbosa, 1976; Gonzaga Duque, "No Tempo

literatos. As rodas literárias que se formavam em torno das mesas de cafés e confeitarias da Rua do Ouvidor, que juntavam diariamente grandes grupos de escritores na discussão dos principais temas do momento ou na leitura de seus recentes trabalhos - como acontecia na Confeitaria Cailteau, onde se reuniam habitualmente escritores como Olavo Bilac, Raul Pompéia, Pardal Mallet, Paula Nei e Arthur Azevedo¹⁶ - davam o tom de uma convivência entre os literatos que, ao longo da década de oitenta do século XIX, seria várias vezes retomado em outras atividades coletivas mais sérias, nas quais ficava claramente marcado o reconhecimento mútuo entre estes escritores.

Era o caso das reuniões em que tentavam fundar associações literárias como o *Grêmio de Letras e Artes*, que tinha entre seus sócios figuras como Machado de Assis, Valentim Magalhães, Aluizio Azevedo e Coelho Netto, além dos demais literatos que apareceram anteriormente nas mesas das confeitarias¹⁷. Este era um tipo de clube fechado que, segundo Arthur Azevedo, consistia apenas no ato semanal de "abrir um salão, onde os respectivos sócios possam, reunidos, confabular sobre letras e arte", em uma "generosa confraternização para surdir o engrandecimento da literatura e da arte"¹⁸. Mesmo com o desaparecimento destas associações, no entanto, estas atividades conjuntas entre os literatos continuavam a ser frequentes já no início

da *Gazetinha*", *Kosmos*, setembro de 1908; *A Semana*, ano 1, nº 1, 3 de janeiro de 1885; e *Vida Moderna*, nº 1, 10 de julho de 1886.

¹⁶ Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, pp. 218 - 219; e Bastos Tigre, *Reminiscências*, Brasília, Theasaurus, 1992, p. 29.

¹⁷ Cf. *A Semana*, 19 de fevereiro de 1887; e *Diário de Notícias*, 14 de fevereiro de 1887.

¹⁸ Eloy, o herói (Arthur Azevedo), "De Palanque", *Diário de Notícias*, 14 de fevereiro de 1887.

dos anos noventa - como atestavam as "palestras literárias" que, às terças-feiras, aconteciam na casa de Valentim Magalhães, juntando grande parte dos autores citados anteriormente¹⁹. Reunindo-se em diferentes ocasiões, estes escritores celebravam, com animação, uma identificação que se sobrepunha às suas muitas divergências.

Não é fácil, entretanto, perceber à primeira vista o teor desta identidade. Uma leve análise das crônicas escritas no período é suficiente para nos indicar que as diferenças entre os literatos eram, então, muito mais visíveis do que as suas experiências comuns. Fosse por questões literárias, que dividiam os romancistas e poetas entre parnasianos, realistas, naturalistas e outros "istas", ou por desavenças pessoais - causadas muitas vezes por uma discordância sutil ou por uma diferença de concepção - os literatos pareciam estar sempre se digladiando na arena pública dos jornais e revistas de época²⁰. Por trás destas desavenças, no entanto, podemos avistar a substância que forma o amálgama entre sujeitos tão diferentes, explicando a identidade afirmada por Pardal Mallet: uma visão "projetiva" comum no olhar dos literatos sobre a nação, baseada na convicção de que cabia a eles definir um projeto para a sociedade como um todo - sendo seus conflitos e discussões causadas pelas diferentes definições sobre o caráter que deveria ter este projeto.

De diferentes maneiras e sob diferentes pontos de vista, os cronistas e ficcionistas desta geração exprimiam de forma acabada uma

¹⁹ Em uma carta de 26 de junho de 1893, enviada ao seu amigo Max Fleiuss, Magalhães alude a estas reuniões, afirmando que nestes dias costuma "ter à noite palestras literárias de amigos". *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Coleção Max Fleiuss, Lata 473, pasta 18. Conferir ainda Max Fleiuss, *Recordando*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941, p. 185.

²⁰ A importância destas polêmicas públicas entre os literatos do período é analisada por Roberto Ventura, que mostra como ainda se tentava definir, através destes debates, o estilo próprio de uma literatura nacional. Cf. Roberto Ventura, *Estilo Tropical*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

tendência que vinha se desenhando desde os primórdios da literatura brasileira - a visão de que eram responsáveis, de alguma forma, pelos rumos da nação. Esta idéia se encontra exemplarmente definida em um romance no qual Coelho Neto remonta o ambiente literário de sua juventude, no qual despontavam todos estes nomes que viriam a se tornar escritores renomados alguns anos mais tarde - em uma obra que, significativamente, tem como título *A Conquista*²¹. Publicado em 1899, quando o prestígio destes escritores já estava consolidado, o livro trata das experiências dos homens de letras na década anterior, culminando em 1888 com a abolição da escravatura (que, na visão do autor, seria uma "conquista" destes literatos em direção à nação que eles tentavam construir). Logo em seu prefácio, fala Coelho Neto aos seus companheiros de jornada, definidos como "os da caravana":

"(...) Venho contar aos que surgem a odisséia de nossa mocidade. Triste, triste foi a nossa vida (...). Mas chegamos, vencemos... Deus o quis! E, se ainda não tomamos de assalto a praça em que vive acastelada a indiferença pública, já cantamos em torno e, ao som dos nossos hinos, ruem os muros abalados, e avistamos, não longe, pelas brechas, a cidade ideal dos nossos sonhos"²².

De novo fica claramente marcada a afirmação de uma identidade entre os literatos do período. Os seus fundamentos, no entanto, já se

²¹ Coelho Neto, *A Conquista*, Porto, Liv. Chardron, 1921 (1899). O romance, no entanto, já havia aparecido em 1897 em forma de folhetim, no rodapé do jornal *A República*. Cf. Alexandre Eulálio, "Sobre 'Mocidade Morta'", in *Sobre o Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988, pp. 183 - 188.

²² Coelho Neto, *op.cit.*

encontram mais explícitos: mais do que amigos e companheiros de sofrimento, estes homens de letras são aqui descritos como parceiros de uma "odisséia" da qual todos participavam - uma odisséia que tinha por finalidade transformar a opinião pública, abalando os alicerces de um modelo de sociedade que não servia mais a estes homens. Ser literato, neste contexto, não era simplesmente escrever versos; mais do que isto, a literatura era vista por eles como o campo privilegiado de construção do passado, do presente e, principalmente, do futuro - e não por acaso eram tão comuns os ataques àqueles que se aventuravam a tentar adentrar o mundo das belas letras sem trazer consigo a consciência do papel da literatura, em um critério de exclusão que diz muito sobre a lógica de construção da identidade entre estes escritores²³.

A auto-imagem destes literatos fazia com que eles definissem para si mesmos uma posição especial na sociedade. Sem alinhar-se em nenhum dos lados, eles criam um quadro de distinção onde definem e diferenciam um certo "mundo popular" - composto pelo grande contingente de escravos, jornaleiros, domésticas, cigarreiros e outros trabalhadores sem ocupação definida que espalhavam-se pela cidade²⁴ - de uma "elite aristocrática". Representando a si mesmos como os

²³ É o caso de um ataque de Alcindo Guanabara ao barbeiro Joaquim Nunes, que se atrevera a escrever uma peça teatral, ou da ironia dos versos de Oscar Pederneras criticando um "ilustrado doutor" que se mete a escrever versos: "(...) Quanta vaidade, tola e presumida/ não cairia, se o público sensato/(...)/Soubesse ter uma bengala erguida/ Para 'animar' tanto rabiscador/ Metido a literato". Cf. *Novidades*, 10 de fevereiro de 1887; e Oscar Pederneras, "O Macaco Literato", in *Diário de Notícias*, 28 de janeiro de 1886.

²⁴ Segundo José Murilo de Carvalho, apenas estes trabalhadores empregados em pequenos ofícios somavam, em 1890, mais de 100.000 pessoas - em uma população que, segundo o censo realizado naquele ano e reproduzido em 1920, era de 425.386 habitantes. Cf. José Murilo de Carvalho, *Os Bestializados*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 17; e *Recenseamento do Brasil Realizado em 1 de setembro de 1920*, vol 2, Primeira Parte (População do Rio de Janeiro - Distrito Federal). Rio de Janeiro, Tip. da Estatística, 1923, p. XXI.

gerenciadores desta sociedade de diferenças, os literatos se colocam fora do esquema bipolar que eles mesmos ajudaram a construir - e que informa, ainda hoje, a maior parte das análises de acadêmicos que se atribuem o mesmo papel de "exterioridade tutelar" adotado pelos literatos do final do século XIX.

A possibilidade desta auto-representação de exterioridade pode ser explicada, em grande parte, pela posição dúbia que estes homens de letras ocupavam na sociedade: embora vivessem sérias dificuldades financeiras, eles alcançam no período um prestígio social que confere uma grande autonomia para seus projetos e experiências particulares. Andando pelas ruas do Rio de Janeiro dos últimos anos do Império, nossos literatos eram freqüentemente abordados por transeuntes - que corriam em busca de um cartão postal no qual pudessem registrar, com a assinatura do abordado, o momento do encontro²⁵; os álbuns de recordações, nos quais era costume pedir que os homens de letras deixassem registrado um verso ou uma lembrança qualquer, surgiam por todo lado - transformando-se em uma tediosa rotina para muitos escritores que, como indicou Alcindo Guanabara no álbum de Ernesto Senna, viam neles "o mais doloroso castigo possível"²⁶; muitas vezes os

²⁵ Bastos Tigre, em obra memorialística, conta ter visto quando jovem o poeta Olavo Bilac irritado com o insistente assédio daqueles que lhe pediam o autógrafo em um cartão postal. Bastos Tigre, *Reminiscências*, op.cit., p. 45. Conferir ainda Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e sua Época*, op.cit., p. 164; e Raimundo de Menezes, *Aluisio Azevedo: Uma Vida de Romance*, Brasília, INL, 1988 - onde o autor nos conta das vezes em que Aluisio Azevedo era cumprimentado pelas ruas por leitores anônimos.

²⁶ Este álbum, guardado pela Biblioteca Nacional, traz ainda os autógrafos e as mensagens dos mais importantes nomes da literatura do período - como Raul Pompéia, Artur Azevedo, José do

caçadores de autógrafos iam às próprias repartições ou redações onde trabalhavam estes poetas e romancistas, atrás de uma lembrança que dificilmente eles poderiam negar. Reconhecidos nas ruas, distantes do anonimato, os escritores colhiam os louros do seu prestígio.

O grande destaque social dos literatos pode ainda ser atestado pelos festejos do carnaval - festa que, já nas últimas décadas do século XIX, mobilizava toda a cidade. Longe de permanecer restritas ao fechado mundo das belas letras, as ácidas discussões entre estes escritores tomavam as ruas durante a festa, servindo de tema para os desfiles das Grandes Sociedades do período - promotoras de um modelo de carnaval entusiasticamente defendido por estes homens de letras²⁷. É o que acontece em 1887 com Arthur Azevedo, o autor das muitas Revistas de Ano que alcançavam, no período, um grande sucesso²⁸: os Tenentes do Diabo, uma das três Sociedades que levavam seus préstitos às ruas durante a festa, traziam em seu desfile um carro com um gigante gordo que vomitava sobre o *Diário de Notícias* "cobras e lagartos". A alusão era clara para qualquer um dos contemporâneos da cena - referindo-se, evidentemente, à virulenta polêmica que o robusto

Patrocínio, Luís Murat e Alberto de Oliveira. Cf. *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, Coleção Ernesto Senna, códice I - 5, 23, 1.

²⁷ A análise da relação destes literatos com o carnaval, que em muito ultrapassa o mero divertimento destes poetas e romancistas, está desenvolvida em maior profundidade na dissertação de mestrado recentemente apresentada ao departamento de história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP - em cuja introdução está desenvolvida boa parte do argumento deste artigo. Cf. Leonardo Pereira: *O Carnaval das Letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX*, Dissertação de mestrado apresentado ao departamento de história do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993 (mimeo).

²⁸ Sobre a popularidade das Revistas de Ano, ver Flora Sussekind, *As Revistas de Ano e a Invenção do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

literato do referido jornal travava então com Castro Lopes, do *Jornal do Comércio*²⁹.

Estas rivalidades entre os homens de letras eram também tematizadas, no ano anterior, pelo Clube dos Fenianos, uma das mais importantes sociedades carnavalescas do período. Um carro representava a disputa entre as duas peças teatrais então em cartaz - o "Bilontra", do próprio Azevedo e de Moreira Sampaio, e "Mulher-Homem", de Filinto de Almeida e Valentim Magalhães - trazendo figuras alusivas a cada um destes autores defendendo como podiam suas próprias criações³⁰. Mesmo os grupos carnavalescos de menor porte, mais acessíveis às parcelas menos abastadas da população, tinham nos literatos uma referência constante - chegando a aparecer em 1887 um grupo chamado "Macaquinhos do Sótão", título da coluna assinada por Ferreira de Araújo nas páginas da *Gazeta de Notícias*³¹. Representados de diversas maneiras nos dias de carnaval, os literatos do período atestam sua popularidade - que, durante a folia de 1887, livraria Machado de Assis dos ataques tradicionalmente sofridos por aqueles que se atreviam a sair às ruas com uma cartola na cabeça nos dias de Momo³².

²⁹ Cf. *Diário de Notícias*, 24 de fevereiro de 1887.

³⁰ Cf. *Revista Ilustrada*, 20 de março de 1886.

³¹ Cf. *Jornal do Comércio*, 21 de fevereiro de 1887.

³² A "guerra às cartolas", uma das mais frequentes brincadeiras camavalescas do Rio de Janeiro no período, não costumava poupar ninguém que, nos dias de folia, saísse às ruas com chapéu alto - regra que, segundo Carlos de Laet, foi quebrada em 1887 por Machado de Assis, que apesar da cartola não se toma um alvo da fúria dos foliões. Cf. Carlos de Laet, "Microcosmo", in *Jornal do Comércio*, 27 de fevereiro de 1887.

Se a literatura dava aos seus seguidores um certo relevo social, nem por isso o leitor pode concluir que estes homens de letras tivessem também algum tipo de projeção econômica - antes pelo contrário. O prestígio e a fama obtida por estes escritores de nenhuma maneira apagava a indiferença generalizada pelas letras, o que dificultava a estes poetas e romancistas a sobrevivência através de seus textos. A amargura desta contradição é expressa com clareza em 1887 por Valentim Magalhães:

"(...)A gente aqui pode ser literato como queira e tanto quanto queira, com a condição de ser, antes de literato, qualquer outra coisa. Esta coisa pode ser qualquer, como tenho a honra de lhes dizer: - bacharel em direito ou caixeiro, médico ou botequineiro, rábula ou sacristão, andador das almas ou diretor de secretaria, coronel da guarda nacional ou sapateiro, juiz ou tipógrafo, amanuense ou cigarreiro. Qualquer desses misteres constitui a 'obrigação', as letras a 'devoção'. Aquilo é que dá as 'louras' e o pão, isto apenas dá os louros ou... pau"³³.

Sem contentar-se com os "louros" da atividade literária - o prestígio ao qual aludimos acima - reclama o literato da impossibilidade de se trabalhar unicamente com as letras no Brasil. Restaria a estes homens de letras uma colocação no serviço público, como foram os casos de Arthur Azevedo e Machado de Assis, ou o exercício de uma outra profissão - e não por acaso aparece já no ano seguinte, nas páginas de *A Semana*, anúncio onde o próprio Valentim Magalhães oferece seus serviços de advogado³⁴.

Nem todos, no entanto, conseguem se livrar das dificuldades causadas pela precária situação das letras no país. No início da década

de oitenta, em especial, um grande contingente de jovens literatos sofrem na pele as conseqüências desta desconsideração do seu ofício. Compondo a primeira geração literária que tentava - muitas vezes sem sucesso - viver unicamente das letras³⁵, estes autores vêem seus sonhos esbarrarem na baixa remuneração oferecida pelo trabalho que realizavam. Recebendo de 25\$000 a 35\$000 por cada crônica ou conto publicado - enquanto o aluguel de um pequeno apartamento no centro custava cerca de 100\$000, e uma refeição para dois 5\$000³⁶ - estes escritores viam frustrada, com o tempo, sua expectativa de firmar no país a profissão de escritor. Mesmo a publicação de romances como *Helena*, do já prestigiado Machado de Assis, rendia ao seu autor, em 1876, meros 600\$000³⁷; já Arthur Azevedo, outro literato de renome³⁸, recebia em 1889 a quantia de 410\$000 pela publicação de seus *Contos Possíveis*³⁹ - indicando, com isto, o tamanho do problema a ser enfrentado por outros escritores não tão conhecidos como os dois.

³⁵ Cf. Jean-Yves Mérian, *Aluisio Azevedo, Vida e Obra*, Brasília, INL, 1988, pp. 387 - 403.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 396.

³⁷ Contrato celebrado entre Machado de Assis e o editor B.L. Garnier para a primeira edição da obra *Helena do Vale*. *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, códice I - 7,9,4.

³⁸ Nascido em 1855, Arthur Azevedo já gozava, na década de oitenta do século XIX, de grande prestígio entre os homens de letras. Era Machado de Assis, no entanto - o qual, tendo nascido em 1839, era bem mais velho que Azevedo - que se constituía como o verdadeiro "mestre" desta geração de jovens escritores. Cf. Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época, op.cit.* e Lúcia Miguel-Pereira, *Machado de Assis*, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1936.

³⁹ Recibo de Arthur Azevedo passado ao editor B.L. Garnier sobre a importância paga pela edição do livro *Contos Possíveis*. *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, códice I - 7,9,7.

³³ Valentim Magalhães, *Notas à Margem*, 15 de dezembro de 1887.

³⁴ Cf. *A Semana*, 4 de fevereiro de 1888.

As dificuldades, realmente, não eram poucas. Mesmo Machado de Assis, quando jovem, via-se obrigado a recorrer aos empréstimos financeiros, os quais mostrava grande dificuldade para pagar - como acontece em 1861, quando enfrenta um processo de cobrança judicial que o obriga a saldar uma dívida com 60% de juros⁴⁰. O endividamento, no entanto, era um recurso que se tornaria comum nos meios literários, como forma de amenizar a vivência de carências e dificuldades por parte destes escritores. Ainda em 1896, eram Arthur Azevedo e Olavo Bilac os alvos deste tipo de cobrança judicial - à qual o poeta tenta se livrar alegando ter sido citado no endereço de sua família, e não na casa de pensão onde morava⁴¹. As ações de despejo contra estes escritores tornavam-se, também, uma constante no final do século XIX, atingindo até mesmo um literato tão ilustre quanto Coelho Neto⁴². A precária situação financeira destes poetas e romancistas do período pode, enfim, ser resumida na súplica que Paula Nei lança em 1896 ao jornalista Ernesto Senna - em um bilhete onde ele pede ao amigo

⁴⁰ Joaquim Maria Machado de Assis (réu), processo cível, caixa 3892, n° 253, *Arquivo Nacional*.

⁴¹ Olavo Bilac (réu), processo cível, maço 843, n° 2785, *Arquivo Nacional*; e Arthur Azevedo (réu), processo cível, caixa 1911, n° 1589, *Arquivo Nacional*. Note-se que, apenas três anos antes, Bilac havia recebido como herança pela morte de seu pai a quantia de 5:162\$500 - o que atesta serem muitas vezes as dificuldades vividas por estes escritores o fruto de suas opções em tentar, a qualquer custo, viver de suas letras. Cf. Inventário de Braz Martins dos Guimarães Bilac, maço 2324, n° 145, *Arquivo Nacional*.

⁴² Henrique Coelho Neto (réu), processo cível, maço 1142, n° 1670, *Arquivo Nacional*.

"qualquer quantia, por insignificante que seja, pois estou absolutamente sem vintém, nem recurso de qualquer natureza para a mais insignificante dieta"⁴³.

Sobrevivendo da renda que podiam tirar da literatura, escritores como Coelho Neto, Guimarães Passos e Olavo Bilac passam assim sua juventude no Rio de Janeiro entre cortiços e casas de cômodo, dependendo muitas vezes do favor alheio para se alimentar⁴⁴.

Esta situação é ironizada pelo próprio Coelho Neto no romance *A Conquista*, onde narra seu encontro com Aluísio Azevedo - chamado no romance de Ruy Vaz - no "Quinhentão", um restaurante barato do centro da cidade. Estranhando a presença de Azevedo, que já tinha no período um certo renome, em semelhante estabelecimento, escuta Neto a resposta do romancista:

" - (...) Se o público soubesse quanto custa ser naturalista pagava os meus romances a preço de ouro. Vou às estalagens apanhar em flagrante a grande vida de tais colméias e, para que a gente não se perturbe com a minha presença, visto-me como carregador, meto-me em tamancos, subo às pedreiras, penetro, com risco de vida, as reles tavolagens, passo horas e horas entre a gente tremenda dos trapiches, converso com catraieiros e, finalmente, venho comer nessa baiúca, como vês. - Mas, então, não foi por fome?

⁴³ Bilhete de Paula Nei à Ernesto Senna, *Biblioteca Nacional*, Seção de Manuscritos, códice I - 5, 18, 54.

⁴⁴ As dificuldades atravessadas por estes literatos, embora um tanto romanceadas, podem ser inferidas no livro *A Conquista*, de Coelho Neto (*op.cit.*), que começa tratando justamente deste período da vida destes autores. Conferir também Paulo Dantas, *Coelho Neto*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s.d.

- Qual fome! Eu podia ter ido almoçar ao Globo, mas ando acompanhando um tipo.
- E onde está ele?
- Comeu e saiu (...)⁴⁵.

Afora a surpresa de ver em um dos textos de Coelho Neto, sempre tão sisudos e herméticos, semelhante graça, a passagem pode nos indicar a própria essência da posição social do literato no período. Já de início, Vaz insinua que seu trabalho não tem, por parte do público, o devido reconhecimento. Não se levaria em conta, na sua visão, o valor do "sofrimento" gerado por este tipo de trabalho, que obriga o autor a uma presença constante em estalagens e cortiços os quais o romancista descreve com grande dose de menosprezo - pois seriam espaços perigosos, que poriam em risco a sua própria vida. A réplica de Coelho Neto, no entanto, nos indica a falsidade deste argumento. Por trás da ironia de Neto está o pressuposto que dá a graça do texto: o de que, se estes homens de letras realmente eram presenças assíduas em estalagens e restaurantes freqüentados por seus personagens, não o faziam só por dever de profissão, mas por consequência do desprestígio desta⁴⁶.

Misturando um grande preconceito na sua visão do mundo das ruas - onde vive a "gente tremenda dos trapiches"- com uma presença constante em seus meios, Ruy Vaz descortina a própria condição contraditória dos literatos dentro da sociedade. A necessidade de se diferenciar destes grupos iletrados, que escritores como ele transformavam em personagens, está em cada palavra do romancista -

⁴⁵ Coelho Neto, *op. cit.*, p. 378.

⁴⁶ Jean-Yves Mérian, falando sobre Aluísio Azevedo, afirma que a presença do autor em ambientes como este "era uma necessidade que ele assumia corajosamente, mas que considerava profundamente injusta", *op. cit.*, p. 456.

que tenta atribuir um caráter extraordinário ao seu contato com os restaurantes baratos e cortiços⁴⁷; esta tentativa de diferenciação, entretanto, resulta em uma cena hilariante, pois sua falsidade é evidente para qualquer um que tivesse idéia do tipo de vida levado por literatos como ele. Restava-lhes, ao invés de ignorar simplesmente estas práticas e tradições que viam pelas ruas - o que, por sua proximidade, seria impossível - transformá-las para que se encaixassem nas imagens que pretendiam construir para a nação.

O desafio era grande. O relevo social que eles alcançam, no entanto, dá a estes homens de letras a possibilidade de levar suas mensagens "civilizadoras" para a sociedade como um todo - dos barões do café aos cigarreiros da Cidade Nova. Este duplo registro, que soma a crença na necessidade de incorporação das classes despossuídas no processo político com uma visão preconceituosa sobre suas práticas e visões de mundo, faz deles um dos principais sujeitos do conflituoso processo de comunicação cultural entre diferentes parcelas da sociedade.

Os literatos tiveram, porém, um grande aliado na divulgação de seus próprios projetos e aspirações: o novo jornalismo que despontava nas últimas décadas do século XIX. Os pequenos jornais, ligados em geral a grupos políticos, com uma estrutura simples e sem a pretensão de atingir um grande público, vão neste período cedendo espaço às

⁴⁷ São significativos, neste sentido, os relatos de Pardo Mallet - que afirma ter, junto com Aluísio Azevedo, se disfarçado "com vestimenta de popular" para mergulhar em meio aos cortiços e casas de cômodos, com o intuito afirmado de colher material para o futuro romance de seu companheiro. Cf. Raimundo de Menezes, *op. cit.*, p. 175.

grandes folhas⁴⁸. Montadas como empresas comerciais, estes novos jornais vêm constituir a grande imprensa no Brasil, dinamizando o processo de massificação cultural da sociedade carioca da segunda metade do século XIX.

O marco desta virada se dá com o surgimento da *Gazeta de Notícias*, em 1874. Fundada por Ferreira de Araújo, ela imprime um novo ritmo à imprensa carioca. Atento à necessidade de aumentar a circulação do jornal, visto não pretender chegar apenas a alguma camada específica da sociedade, Ferreira de Araújo inaugura o sistema de vendas avulsas pela cidade - pois até então as folhas eram vendidas apenas em livrarias e casas de comércio freqüentadas pela pequena parcela da população que era interessada pelas letras⁴⁹. Além disto o fundador introduziu uma série de transformações nos textos do jornal, que passa a ser de leitura mais fácil que seus concorrentes⁵⁰. Uma última e fundamental inovação marcava ainda o caráter "popular" que se tentava dar ao jornal: o preço, mais barato do que de costume devido ao bom aproveitamento publicitário da folha⁵¹.

⁴⁸ Cf. Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

⁴⁹ Cf. Moacir Japiassu, "Renovação do Processo Jornalístico", in *Cadernos do IV Centenário, Jornal do Brasil*, 9 de setembro de 1965.

⁵⁰ Esta situação faz com que, na década de oitenta, muitos escritores passem a caracterizar o *Jornal do Comércio*, concorrente da *Gazeta* que não adotava ainda este novo estilo de jornalismo, como um "paquiderme" - sendo que, em 1885 ele é definido por um destes escritores como "o grande hipopótamo da imprensa nacional". Cf. "História dos Sete Dias", *A Semana*, 7 de fevereiro de 1885.

⁵¹ A *Gazeta de Notícias*, em 1881, era vendida a 40 réis - preço que passa a ser adotado também pelos outros grandes jornais que surgiam no período, como *O Paiz* e o *Diário de Notícias*. Sua tiragem, no mesmo ano, era de 24.000 exemplares - enquanto a do jornal *O Paiz*, em 1885, ainda era de 15.000.

Estas modificações levam a *Gazeta* a uma posição de grande destaque dentro da imprensa brasileira, influenciando decisivamente em seus rumos. Ela gerou, nas palavras de Machado de Assis, uma "revolução" no jornalismo do período - em especial porque, para espanto geral, não "serviam a partidos políticos"⁵². O eixo do jornal passaria, então, a ser definido pela pretensa objetividade de quem busca a "notícia" - como explicava, no ano seguinte, o próprio Machado:

"A imprensa de há trinta anos não tinha este movimento vertiginoso. A notícia era como a rima de Boileau, 'une esclave et ne doit qu'obeir'. Teve o seu treze de maio, e passou da posição subalterna à sala de recepção"⁵³.

Esta mudança definiria, para o romancista, a "nova feição" da imprensa no Brasil - que se livraria assim do controle exercido por pequenos grupos, transformando-se em um veículo de massa. A empresa jornalística assumiria, neste movimento, o seu interesse comercial, deixando de lado a tentativa de formar e informar apenas uma pequena parcela da população para alcançar o maior público leitor que conseguisse - ainda que todos nós saibamos que nem por isso ela deixaria de se colocar a serviço dos projetos políticos de certas parcelas da sociedade.

De qualquer forma, as inovações de Ferreira de Araújo surtiram o efeito desejado: em pouco tempo o jornal firmou sua liderança entre os periódicos cariocas, e em 1881 já era saudada até por concorrentes, como a *Gazetinha*:

⁵² Machado de Assis, "A Semana", in *Gazeta de Notícias*, 6 de agosto de 1892.

⁵³ Machado de Assis, "Henrique Chaves", *O Álbum*, n° 20, maio de 1893.

"À *Gazeta de Notícias* cabe, inquestionavelmente, a glória de ter despertado o nosso povo do marasmo e da apatia intelectual a que o habituaram os funestos diretores de opinião. Sacudiu-o, galvanizou-o, e em recompensa a aura popular enfunou-lhe as velas"⁵⁴.

Tirando sua energia do gosto "popular", a folha segue com prestígio pelos mares da imprensa carioca, em um caminho logo seguido por vários outros jornais, como *O Paiz*, o *Diário de Notícias*, e, posteriormente, o *Jornal do Brasil*. Eles despertavam, deste modo, o interesse do público, chegando mesmo a aparecer freqüentemente como personagens das Revistas de Ano de Arthur Azevedo⁵⁵. Como resultado desta metamorfose, tomava-se comum no período a leitura em voz alta destes jornais, que passam assim a informar também a grande massa de iletrados que se espalhava pela cidade⁵⁶.

O grande público, no entanto, não cedeu tão facilmente aos chamados da nova imprensa. Para conquistá-lo foi necessário mais do que um texto leve e um preço acessível: era preciso ainda trazer, nas

⁵⁴ *Gazetinha*, 17 de fevereiro de 1881.

⁵⁵ Ver, por exemplo, "O Bilontra", revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio representada pela primeira vez em janeiro de 1886. *Teatro de Arthur Azevedo, op.cit.*, tomo 2, pp. 558 - 559.

⁵⁶ Cf. Marlyse Meyer, "Voláteis e Versáteis. De Variedades e Folhetins e Faz a Crônica", *In A Crônica, op.cit.*, p. 118; e Nelsom Werneck Sodré, *op.cit.*, p. 279. Margarida de Souza Neves acrescenta que a crônica, em especial, "atinge um número maior de leitores que qualquer outro gênero" (*op.cit.*, p. 80). É interessante ainda notarmos o grande alcance atingido por alguns periódicos entre os grupos das ruas. Era o caso da própria *Gazetinha*, o pequeno jornal dirigido por Arthur Azevedo. Vendida a um vintém, ela era acessível a muitos leitores não habituados a comprar jornais - como indicava na época o jornal *O Cruzeiro*, ao afirmar que "os caixeiros, os mascates de esquina, os carregadores de rua e até os moleques ladinos e pacholas que sabem ler um bocadito, todos compram a *Gazetinha* do vintém". *Apud*, Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e Sua Época, op.cit.*, p. 75.

folhas, aqueles temas de interesse do maior número de seus possíveis compradores. Cedendo a este tipo de pressão, os jornais não deixaram de sofrer críticas - como aquelas formuladas em maio de 1883 por um viajante estrangeiro:

"No Rio não existe hoje um só jornal que possa, com fundamento, exercer influência política. Toda a imprensa daqui é somente de especulação; nenhum jornal tem um programa definido, nenhum pertence a qualquer partido, nenhum representa qualquer idéia: o pessoal quer somente ganhar público e vender muitos exemplares, e como o público não pode absolutamente ser sério, mas sempre precisa estar rindo e caçoando, assim é servido "⁵⁷.

Deixando de lado os exageros do perplexo visitante - que desconsidera o posicionamento político existente em cada uma das grandes folhas, ainda que muitas vezes de forma implícita - traça ele um bom perfil da imprensa carioca, já montada no período como uma atividade comercial lucrativa. Sendo este lucro obtido através da popularização dos jornais, seus editores não hesitaram em estampar nas suas páginas uma série de assuntos que estavam, em geral, fora do mundo das letras - mas que serviam como uma luva para os risos e caçoadas que estouravam pelas ruas. Aparecem assim nos jornais, com destaque, os grandes crimes, o resultado do jogo do bicho⁵⁸ e os acontecimentos banais do carnaval das ruas.

⁵⁷ Carl Von Koseritz, *Imagens do Brasil*, São Paulo, Martins Ed., 1943, p. 55.

⁵⁸ Olavo Bilac reclama, em artigo escrito em 1897, da divulgação que os grandes jornais davam dos resultados do jogo do bicho, que figuravam muitas vezes lado a lado com artigos condenando sua prática - embora ele mesmo, alguns anos depois, tenha sido flagrado por Bastos Tigre perguntando

Abrindo suas páginas para jovens escritores como Olavo Bilac, Urbano Duarte e Raul Pompéia - entre outros que figuravam lado a lado a nomes já consagrados, como Machado de Assis e Arthur Azevedo - estes grandes jornais ajudam a formar, em um influxo recíproco, o destaque social dos literatos: por um lado, eles permitem que romancistas e poetas quase desconhecidos levem ao grande público as suas mensagens, contribuindo decisivamente para a divulgação do trabalho literário e fornecendo uma fonte de renda para estes escritores; por outro, a presença destes homens de letras, com suas muitas colunas diárias e pseudônimos, vai aos poucos tornando-se uma das principais atrações do jornal - sendo que freqüentemente os debates e polêmicas entre os diferentes articulistas atingem uma grande repercussão social, como indica a já citada alusão a uma destas polêmicas presente em 1887 no desfile dos Tenentes do Diabo.

Esta seria, entretanto, apenas a parte "nobre" do trabalho literário nos jornais. Se para os romancistas e poetas era motivo de grande regozijo assinar uma coluna na qual pudessem diariamente discorrer sobre qualquer assunto de seu interesse - nos chamados "artigos de fundo", que abordavam desde temas políticos até a crítica literária e o carnaval - não tinham eles a mesma simpatia pela simples função de redatores e noticiaristas, da qual a maior parte tirava o seu sustento. É o que se nota novamente no romance de Coelho Neto, que menciona os resmungos de José do Patrocínio - o editor da *Gazeta da Tarde* - contra o menosprezo dos literatos pelo noticiário, visto por ele como a parte mais importante do jornal:

para Guimarães Passos o resultado do jogo. Cf. *A Bruxa*, 19 de fevereiro de 1897; e Bastos Tigre, *Reminiscências*, op.cit., p.39.

"(...) Mas os meninos não querem compreender assim, entendem que o noticiário é humilhante e fazem cara quando se lhes pede uma notícia"⁵⁹.

Este trabalho de redação é assim encarado por romancistas e poetas como uma atividade menor, uma "humilhação" indigna da imagem que tinham de si mesmos. Isto porque para eles este trabalho, ao contrário da literatura, não teria a função de "formar", mas somente de "informar" - o que gera a diferenciação expressa no conselho que o então desempregado Coelho Neto atribui à Aluísio Azevedo:

"- Se queres ganhar alguma coisa emprega-te como noticiarista, mas vê lá: não digas que fazes literatura"⁶⁰.

O trabalho dos literatos na nova imprensa explicita assim as ambigüidades da relação destes homens com o ambiente no qual viviam: interessados em difundir suas discussões e seus projetos de uma maneira "formativa", estes escritores não se conformam em limitar-se ao simples registro daquilo que viam no mundo das ruas - que tomava então as páginas dos jornais. Mais do que registrar e conhecer este mundo, eles queriam transformá-lo, e para eles seria justamente esta a missão da literatura⁶¹.

⁵⁹ Coelho Neto, op. cit., p. 241.

⁶⁰ *Idem*, *ibidem*, p. 188.

⁶¹ Tratando das décadas seguintes, Nicolau Sevcenko identificou na obra de autores tão diferentes quanto Lima Barreto e Euclides da Cunha este tipo de relação com a literatura. Para ambos a atividade literária, mais do que um meio de vida, constituía-se como uma verdadeira "missão" - o

A própria necessidade de mudar o perfil dos jornais - que passavam a trazer temas referentes às experiências de uma grande parcela da população costumeiramente excluída do noticiário, com a finalidade de aumentar suas vendas - indica-nos, entretanto, o distanciamento da população com o fechado mundo das letras construído por estes literatos. Indiferente às críticas literárias, às poesias e aos densos artigos que recheavam os jornais do período, é para os acontecimentos cotidianos, para a notícia mundana e para os gracejos leves que o interesse do grande público voltava seu olhar. Longe deste público, restaria aos poetas e romancistas fechar-se em seus castelos de saber - sem ao menos conseguir, como vimos acima, um sustento digno de tão grande erudição.

Este desapego geral pelas letras toma-se, por isto, tema constante das queixas dos homens de letras do período - como mostra um conselho dado por Paula Nei ao jovem Coelho Neto, resgatado no romance *A Conquista*:

"- E tenciona viver de letras? perguntou assombrado. O estudante encolheu os ombros com resignação e o outro irrompeu: pois aceite os meus pêsames (...). Neste país viçoso a mania das letras é perigosa e fatal. Quem sabe sintaxe aqui é como quem tem lepra. Cure-se! Isto é um país de cretinos, de cretinos! Convença-se"⁶².

Separando os literatos do resto dos mortais, as letras se constituem para Paula Nei como uma doença - não dos poetas e romancistas, como insinua a ironia do autor, mas do resto da população que não é iluminada pelas suas luzes. Em um país de "cretinos",

que os levava a assumir uma posição tutelar em relação ao Estado e à nação. Cf. Nicolau Sevckenko, *Literatura Como Missão*, São Paulo, Brasiliense, 1989.

⁶² Coelho Neto, *op.cit.*, p. 41.

restaria aos literatos no começo da década de oitenta, momento no qual o romance localiza o episódio, a definição de uma rígida separação que distanciava a sua arte da sujeira das ruas - nas quais, como cansamos de ver, viviam estes homens.

O movimento do romance de Coelho Neto, entretanto, indica as transformações deste ponto de vista ao longo da década. O que era uma convicção geral no início do livro vai aos poucos tomando-se tema de debates, e o distanciamento em relação ao mundo das ruas vai cedendo terreno para uma posição mais flexível. É o que se nota, alguns capítulos adiante, quando Coelho Neto discute com o poeta Luís Murat - Luís Moraes, no romance - sobre a popularização do trabalho de Arthur Azevedo, já envolvido então com um teatro mais voltado para o grande público⁶³. Reclama Murat que "um poeta não deve descer à multidão, a multidão é que deve subir ao parnaso para ouvi-lo":

" - (...) mas o homem está viciado. O escritor habitua-se com o meio que o aplaude e, para não perdê-lo, vai cedendo à larga, até que um dia nivela o seu espírito com o da gente ignóbil e está perdido. É como o homem que se vicia em morfina. Há glórias afrontosas, eu penso assim. O Arthur é homem para ser aplaudido por nós, e prefere ao nosso julgamento o barbarismo idiota das platéias do vício"⁶⁴.

O distanciamento que o rabugento poeta tenta marcar com a "multidão" - composta para ele por uma "gente ignóbil", indigna de se

⁶³ Em um texto escrito em 1896, Arthur Azevedo assumia e explicava sua posição: "Faço concessão às torrinhãs, confesso, porque sem isso as minhas peças naturalmente não seriam aceitas". Cf. Flora Sussekind, "Crítica à Vapor", *In Sobre o Pré-Modernismo*, *op.cit.*, p. 390.

⁶⁴ Coelho Neto, *op.cit.*, p. 269.

misturar aos homens de letras - indica aos leitores do romance o conteúdo da resistência de alguns literatos à popularização da literatura. Nesta visão, a popularidade seria ainda um "vício", algo que deveria ser curado em nome da glória da arte. Os próprios trabalhos de Arthur Azevedo indicavam, entretanto, que esta não era mais uma posição consensual entre os literatos.

O "vício" já estava, neste momento, muito mais disseminado do que supunha Murat. A necessidade de disseminação do trabalho literário é uma exigência do próprio contexto de massificação da cultura vivido por estes escritores⁶⁵ - o que pode ser bem ilustrado por outro episódio do romance, no qual Alúcio Azevedo se vê na contingência de inserir em sua peça cenas com "jongo" trazendo "negros à cena" para que o dono de um teatro aceitasse representá-la⁶⁶. A explicação para esta contingência nos é dada pelo próprio Arthur Azevedo, na peça "Mercúrio", representada em 1887 - onde, falando pela voz da *Vida Moderna*, afirma que

"o povo não quer bons versos e muito menos boa prosa. Um homem sem cabeça faz muito mais efeito que uma dúzia de alexandrinos de Luís Murat"⁶⁷.

⁶⁵ Segundo Jean-Yves Mérian, "esta complacência em relação ao público não era o resultado de uma escolha deliberada. Era a única forma de publicar nos jornais e de estabelecer um laço com um público cujo único contato com a literatura romanesca era a imprensa". *op.cit.*, p. 360.

⁶⁶ Coelho Neto, *op.cit.*, p. 47. Alúcio Azevedo parecia, realmente, ter consciência deste tipo de problema, afirmando que "para um povo como nós só há no teatro uma manifestação possível, é o disparate, o burlesco, o ridículo exagerado feito de cores vivas, de sons estridentes e de pilhérias velhacas e extravagantes", *apud*, Jean-Yves Mérian, *op.cit.*, p. 359.

⁶⁷ Arthur Azevedo, "Mercúrio", in *Teatro de Arthur Azevedo*, Rio de Janeiro, INACEN, 1987, p. 220.

O trecho, se tem implícita uma resposta do literato ao seu colega Luís Murat, indica também o conformismo de Azevedo com tal situação. Ao voltar-se para o grande público, ele apenas inaugura uma tendência que, se tem por base a necessidade de sobrevivência destes escritores, ganha no período uma justificação moral: a necessidade de "educar" os grupos das ruas.

Sendo indiferente ao fechado mundo das letras, que não conseguia disseminar na sociedade o entusiasmo pelos debates artísticos e literários, o grande público tinha suas preferências próprias. Cabia aos literatos, como antes aos grandes jornais, chegar nestas preferências para poder, a partir delas, levar suas mensagens a uma parcela da população completamente alheia a estas discussões. Tal diagnóstico partia de observações como aquela formulada pelo próprio Arthur Azevedo, ao comentar o desinteresse geral por uma série de assuntos que não diziam respeito ao mundo das ruas:

"Coisa esquisita! No Rio de Janeiro não se reanimam as letras, nem as artes, nem as ciências, mas reanima-se o carnaval"⁶⁸.

Indiferentes àquelas questões que eram, para os literatos do período, as mais importantes - como as discussões artísticas e filosóficas - o grande público volta seu interesse para temas que, como o carnaval, dissessem respeito às suas próprias experiências. O estranhamento do literato, se tem um pouco de incompreensão - afinal de contas, como a folia carnavalesca podia ser mais valorizada que tão importantes discussões? - tinha também um tanto de resignação. Se os

⁶⁸ *Apud*, Delso Renault, *A Vida Brasileira no Final do Século XIX*, Rio de Janeiro, José Olympo, 1987, p. 150.

mortais não podem subir ao Olimpo, pensaram provavelmente muitos destes literatos, restava aos deuses das letras descer à terra e pôr os pés na lama - pois urgia "arrumar" esta população confusa e primitiva, para que ela pudesse caber nas imagens da nação que eles se debatiam para formular.

A mudança de atitude dos literatos, longe de apagar o conflito entre diferentes formas de ver e interpretar o mundo, apenas desloca seu eixo: ao invés da negação pura e simples das tradições e visões destes muitos grupos com os quais eles cruzavam nas ruas, cabia agora aos literatos transformá-las - em um processo que passa necessariamente pelo campo da cultura. "No Rio de Janeiro, as revoluções não me metem medo... O que me mete medo é o carnaval..."⁶⁹, dizia em 1889 o mesmo Arthur Azevedo - concebendo a festa como um campo de disputas e conflitos culturais entre grupos antagônicos. Não é de se estranhar, portanto, o interesse manifesto por muitos destes literatos pelos dias de Momo, a mais concorrida das festas do Rio de Janeiro. Em um país de iletrados, era nas representações, nas crenças e nas práticas destes muitos grupos que brincavam pelas ruas durante a folia que devia incidir a sua mensagem civilizadora.

A necessidade de intervenção nas representações e práticas destes segmentos iletrados da sociedade, diagnosticada por este grupo de jovens literatos, parece no entanto uma tarefa difícil. Os homens de letras, acostumados a lidar com seus iguais - alvos fáceis de seus versos e frases bem construídas - não têm ainda o seu forte na comunicação com um grupo do qual, apesar da íntima convivência, desconhecem o próprio jeito de ver e interpretar o mundo. Iniciando este processo nos primeiros anos da década de 80, eles ainda encontravam-se despreparados para o diálogo cultural - ao menos da forma harmônica e

⁶⁹ Apud, Raimundo Magalhães Júnior, *Arthur Azevedo e sua Época*, op.cit., p. 197.

sem conflito pela qual imaginavam poder transformar os universos simbólicos destes grupos iletrados. Esta falta de familiaridade dos homens de letras com as diferentes tradições culturais presentes neste mundo das ruas gera, a princípio, um pessimismo quanto à possibilidade de transformação da sociedade - expresso com clareza em um trecho do romance de Coelho Neto onde Guimarães Passos, caracterizado como "Fortunio", fala de sua desesperança:

"Pensas que se prepara um povo em dez ou vinte anos? Qual! Havemos de viver sempre como vivemos. Quando vierem os cabelos brancos, se a morte não tomar a frente ao tempo, aquela estrela que está no céu há de ver-nos como agora nos vê: caminhando sem destino e rimando sonhos"⁷⁰.

A discordância inicial de Coelho Neto em relação ao poeta acaba cedendo frente às estatísticas referentes à população de leitores no país, que atesta a necessidade de uma nova via de comunicação para os literatos chegarem em uma parcela enorme da sociedade privada do convívio com as letras⁷¹. A desesperança do romancista sugere, porém, uma possível intuição sobre as dificuldades de se penetrar no intrincado labirinto das relações culturais - onde os significados e valores são socialmente construídos, estando ligados às experiências próprias dos

⁷⁰ Coelho Neto, *op.cit.*, p. 301.

⁷¹ Segundo o censo realizado em 1890 (reproduzido na divulgação dos resultados do recenseamento realizado em 1920) 48,28% da população do Rio de Janeiro não sabia ler - dado que parece otimista frente aos levantamentos do grau de instrução na cidade, que estimam em 81,5% da população a parcela dos analfabetos. Cf. *Recenseamento do Brasil Realizado em 1 de setembro de 1920*, Vol. 2, 1ª parte (População do Rio de Janeiro - Distrito Federal). *op.cit.*, p. CV; e A.L. Machado Neto, *op.cit.*, p. 253.

diferentes grupos. Os sonhos de Guimarães Passos, Coelho Neto e outros, continuariam assim apenas nas rimas - a não ser que estes homens se entregassem à difícil e demorada missão de mergulhar no campo da cultura para tentar efetivar um canal de comunicação entre estes mundos tão diferentes.

A tarefa de se debruçar sobre os grupos das ruas, entretanto, não era assim tão fácil para jovens acostumados a desconsiderar tudo que não venha do mundo das letras. Criados dentro de um contexto de completo menosprezo pelas tradições e práticas destes grupos iletrados, os literatos espelham ainda todos os seus preconceitos sobre o "outro" - como atesta uma discussão travada entre os vários literatos em uma mesa de bar:

"- Isto há de ser sempre o que é. O povo não tem tradições e, sobretudo, é a gente mais melancólica do mundo. Você vê um grupo de brasileiros é fúnebre, parece que estão sempre discutindo um enterro.

- Ou segredando pornografia, acrescentou Ruy Vaz.

- Ou falando mal da vida alheia, ajuntou o Neiva.

- Nem tanto, corrigiu Patrocínio. Nem tanto. Há brasileiros de espírito.

- Ora, brasileiros de espírito... Quais são? Aponte-os!

- Nós, por exemplo...

- Ah! Sim... Mas nós não entramos em conta."⁷²

Acostumados a discutir apenas questões referente ao mundo das letras, estes homens não conseguem ainda, no início da década de oitenta, enxergar com clareza o objeto que eles mesmos definiam como tema de seus textos: as tradições e práticas do "povo", vistas por eles como um todo homogêneo e coeso. A única graça que aceitavam era a sua própria graça, fora da qual restaria apenas a maledicência e a

⁷² Coelho Neto, *op.cit.*, p. 310.

pornografia. O "espírito" - ou, quem sabe, a cultura - seria assim o privilégio de um grupo de iluminados. Deste grupo dependeria o futuro da nação.

Acreditando sinceramente neste tipo de conclusão, os homens de letras passam, ao longo da década de oitenta do século XIX, a buscar um aprofundamento de seu mergulho sobre os grupos das ruas. Disseminada entre estes literatos, tal atitude aparece até mesmo em um discurso atribuído por Coelho Neto a Luís Murat - que, pouco tempo antes, se debatia contra a popularização da literatura:

"Nós somos os precursores - alhanemos o caminho para os que vêm. Eu não descorço, tenho como certa a vitória. Que diabos! Pois então este povo há de viver eternamente chafurdando na ignorância? Não, senhores! (...)"⁷³.

Proferido por volta de 1886, em comemoração ao lançamento da revista *Vida Moderna*, este discurso atesta uma mudança de postura dos homens de letras do período - que vão deixando de lado o pessimismo do início da década quanto à possibilidade de levar as parcelas iletradas da sociedade às luzes. É o que mostra o editorial do primeiro número deste jornal, escrito pelo próprio Murat:

"Se a nossa folha resistir ao indiferentismo de todos, e se der, por um milagre no Brasil, a transformação da multidão em povo, será o maior padrão de glória"⁷⁴.

⁷³ *Idem, ibidem*, p. 309.

⁷⁴ Luís Murat, "O Nosso Cartão", in *Vida Moderna*, n° 1, 10 de julho de 1886.

Com um tom esperançoso, o poeta expressava em seu artigo aquele mesmo tipo de aspiração sobre a transformação da multidão que aparecia no discurso do romance de Coelho Neto. O seu tom, entretanto, é ainda mais revelador: os literatos seriam, nesta visão, os próprios redutores deste "povo", pois só a eles caberia a "glória" de tirá-lo da lama da ignorância - o que gera uma completa desconsideração dos universos culturais de muitos outros grupos, que passavam assim a ser vistos por estes homens de letras como cultura nenhuma. Aos "populares", vistos como seres incapazes de ação autônoma, restaria a glória de serem salvos por tão iluminadas criaturas.

Estimulados por uma auto-imagem que fazia deles os próprios "tutores" destas camadas incultas, estes homens de letras se auto-atribuem assim uma espécie de "missão pedagógica", a partir da qual se pudesse transformar o mundo das ruas⁷⁵. Não se tratava neste momento de incorporar os universos culturais do "populacho" na construção de um projeto de igualdade política; tentava-se, isto sim, trazer o povo a um outro universo cultural que, para estes literatos, seria

⁷⁵ Esta "missão pedagógica" não é, entretanto, exclusividade de nossos literatos. O final do século XIX assiste ao mergulho de diferentes categorias profissionais sobre a multidão das ruas e suas práticas, que se transformam em um problema para muitos dos médicos, juristas, cientistas, urbanistas e literatos do período. Nas palavras de Francisco Foot Hardman estes muitos agrupamentos, "de diferentes pontos de vista, mas com igual e redobrada disposição, buscavam enquadrar a barbárie nas linhas progressivas da civilização". Mas, como indica o autor, este repentino interesse pelo "populacho", embora seja um impulso geral, assume em cada caso um caráter específico - dependendo qualquer generalização de estudos mais aprofundados sobre os universos culturais que orientam as ações de cada um destes muitos sujeitos, como os que foram realizados por pesquisadores como o próprio Foot Hardman, Magali Engel, Lilia Schwarcz e Marta Esteves. Cf. Francisco Foot Hardman, "Engenheiros, Anarquistas, Literatos: Sinais da Modernidade no Brasil", in *Sobre o Pré-Modernismo*, op.cit.; Magali Engel, *Meretrizes e Doutores*, São Paulo, Brasiliense, 1989; Lilia Schwarcz, *O Espetáculo das Raças*, São Paulo, Cia. das Letras, 1993; e Marta Esteves, *Meninas Perdidas*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

intrinsecamente melhor - sendo que, neste sentido, suas crônicas e contos publicados nos jornais teriam um papel fundamental de divulgação das mensagens letradas.

Podemos assim entender, através destes textos literários, o modo através do qual poetas e romancistas constroem uma certa visão do "popular", a qual tentam efetivar através de seus artigos - o que faz deles muito mais do que simples relatos da vida carioca do período. Longe da visão "boêmia" e descompromissada que eles ajudam a construir para si mesmos, estes escritores empenhavam-se na árdua tarefa de transformar a face da sociedade carioca e, por conseguinte, da própria nação. "Fingiram os autores de personagens", explicava anos depois Aluísio Azevedo para Afrânio Peixoto, referindo-se ao caráter boêmio associado a este grupo de literatos - que, para ele, não passava de um "disfarce intelectual para o espanto de leitores da província"⁷⁶. É por trás destes disfarces que podemos ver, para além das imagens de civilidade e harmonia que estes autores se vêem obrigados a lançar sobre a cidade, a própria representação de uma sociedade marcada por conflitos e tensões sociais de toda a ordem, que não se encaixa de forma nenhuma nos projetos totalizantes construídos para ela por inúmeros poetas e romancistas.

Longe do simples registro de algum tipo de realidade, os textos literários do período nos indicam assim os diversos projetos construídos

⁷⁶ A frase é narrada por Afrânio Peixoto, que afirma tê-la ouvido da boca do próprio Aluísio Azevedo. Cf. Afrânio Peixoto, *Poeira da Estrada*, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1944, p. 261. Sobre os equívocos da caracterização "boêmia" desta geração de literatos, ver ainda Brito Broca, *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas*, op.cit., pp. 29 - 30; e Jean-Yves Mériam, op.cit., pp. 446 - 465.

por estes escritores sobre os grupos iletrados, suas práticas e tradições - as quais, muitas vezes, pretendiam eliminar dentro de um conflituoso processo de comunicação cultural. Através de uma leitura a contrapelo de suas crônicas e contos podemos, deste modo, ver muito mais do que as imagens que estes escritores pretendiam originalmente mostrar. Escrevendo diariamente nos jornais, eles nos indicam, ainda, os grandes embates entre as práticas e tradições dos grupos das ruas e aquelas patrocinadas pelos homens de letras do período: na tentativa de "civilizar" estes grupos, pretendiam moldá-los à sua imagem e semelhança, usando como arma nesta batalha os seus bonitos e bem construídos textos. Em meio a toda esta guerra, no entanto, os maiores ganhadores são, com certeza, os pesquisadores da história social...